

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEEDU

AGATHA DANIELLI LIBERATO FERREIRA ANASTACIO

**ANÁLISE DE OBRAS DE LITERATURA INFANTIL UTILIZADAS COMO
RECURSO PEDAGÓGICO NO MUNICÍPIO DE MARIANA (MG): A EDUCAÇÃO
INFANTIL COMO ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES DE CRIANÇAS NEGRAS**

MARIANA

MARÇO

2023

AGATHA DANIELLI LIBERATO FERREIRA ANASTACIO

ANÁLISE DE OBRAS DE LITERATURA INFANTIL UTILIZADAS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO MUNICÍPIO DE MARIANA (MG): A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE CRIANÇAS NEGRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Seminário VII- EDU 171, do Departamento de Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Carla Sacramento

Professor da disciplina: Drº.Erisvaldo Pereira dos Santos

MARIANA

MARÇO

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A534a Anastacio, Agatha Danielli Liberato Ferreira.

Análise de obras de literatura infantil utilizadas como recurso pedagógico no município de Mariana (MG) [manuscrito]: a educação infantil como espaço de valorização e construção de identidades de crianças negras. / Agatha Danielli Liberato Ferreira Anastacio. - 2023. 30 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Sacramento.

Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Educação infantil - Minas Gerais. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Crianças negras - Educação - Minas Gerais. 4. Negros - Identidade racial. I. Sacramento, Cristina. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37-053.2(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ágatha Danielli Liberato Ferreira Anastácio

**Análise de obras de Literatura Infantil utilizadas como recurso pedagógico no município de Mariana (MG):
a Educação Infantil como espaço de valorização e construção de identidades de crianças negras**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 31 de março de 2023

Membros da banca

Dra. Cristina Carla Sacramento - Universidade Federal de Ouro Preto - Orientadora
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Cristina Carla Sacramento, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 06/04/2023



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Carla Sacramento, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/04/2023, às 00:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0505350** e o código CRC **592A2052**.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a análise de seis obras de literatura infantil, com foco nos discursos que abordam a população negra a fim de identificar de que forma proporcionam a valorização e a construção das identidades de crianças negras na Educação Infantil. A metodologia utilizada foi a análise dos discursos das obras, orientada pelas contribuições Foucault (2008), em diálogo com referenciais que estudam raça e identidade (GOMES, 2002; 2003) e a população negra na Literatura (ARAÚJO, 2017; 2018; GOUVEIA, 2005; LIMA, 2005; CUTI, 2010; OLIVEIRA, 2003 e SILVA E SILVA 2011). Como resultado, foi possível observar que as obras foram produzidas, majoritariamente, por autores/autoras, ilustradores/ilustradoras brancos/ brancas e algumas dessas publicações tiveram sua primeira edição nas décadas de 1930 e 1980, o que permite problematizar a sua permanência dentro dessas instituições, haja vista que atualmente, temos autores/autoras negras/negros que produzem obras literárias sobre as relações étnicos-raciais na literatura. Outro elemento importante é que embora a maioria das/dos personagens apareçam como protagonistas das histórias e tenham suas características físicas enaltecidas, principalmente o cabelo, algumas narrativas apresentam estereótipos relacionados a população negra voltados para a sua cor, textura do cabelo e comportamentos. Por fim, é necessário que se tenha um olhar atento para as obras utilizadas em sala de aula, privilegiando aquelas que apresentem personagens negros em papéis sociais que buscam romper com narrativas estereotipadas.

Palavras chaves: Literatura Infantil. Educação Infantil. Identidade negra. Crianças negras

ABSTRACT

The present article aims to present the analysis of six different bodies of work of children's literature that focus on the narratives about the black population in order to identify how they provide elements to the construction of the identities of black children in Early Childhood Education. The methodology used was the critical review of the speeches presented in those literary works guided by the contributions of Foucault (2008), in connection with outstanding studies of race, identity (GOMES, 2002; 2003), and the black population in Literature (ARAÚJO, 2017; 2018; GOUVEIA, 2005; LIMA, 2005; CUTI, 2010; OLIVEIRA, 2003 and SILVA AND SILVA 2011).

As a result, it was possible to observe that the works were produced, mostly, by white writers and illustrators and some of these publications had their first edition between the period of the 1930s and 1980s. Those facts allow the questioning of the reason for their permanence in educational institutions, considering that currently, we have black authors who produce literary works about ethnic-racial relations in literature. Another important element is that although most of the characters appear as protagonists of the stories and have their physical characteristics praised (mainly their hair), some narratives present stereotypes related to the black population regarding their color, hair texture, and behaviors.

Finally, having in mind how those stories are important for the development of the identities of black kids, it is necessary to take a close look at what kind of books and stories are being used in the classroom, favoring works that present black characters in social roles that break with stereotyped narratives.

Keywords: Children's Literature. Child education. Black Identity. Black Children

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1.2- Apresentação das obras: quem são as/os autoras/es, ilustradoras/es e personagens	8
CAPAS DOS LIVROS.....	9
1.2.1 Abordagem das características físicas das(os) personagens: a (in)satisfação com o cabelo crespo e o tom da pele.....	14
1.2.2 Abordagem dos comportamentos das(dos) personagens: discursos sobre o pesquisar, o inventar, o “fazer arte” e o desobedecer.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
LIVROS ANALISADOS.....	27
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar seis obras de literatura infantil, utilizadas por professoras/professores¹ da Educação Infantil do município de Mariana (MG), com vistas a verificar de que forma essas obras contribuem para a valorização da identidade e autoestima das crianças negras. O trabalho examina também quais são os personagens privilegiados nas narrativas abordadas e de que forma contemplam os objetivos da Lei 10.639/2003, no que diz respeito à valorização da História e Cultura Afro-brasileira.

A implementação da Lei nº 10.639/2003, que por intermédio das mobilizações do movimento negro, em prol de uma educação antirracista, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/1996), estabelecendo a obrigatoriedade do estudo e do ensino de História e cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo de todas as escolas de ensino fundamental e médio do país. Em função dessa exigência, ressalta-se a necessidade do conhecimento da historicidade desses povos e sua importância para a construção da população brasileira. Ela evidencia, ainda, a relevância da compreensão da luta dos povos negros e indígenas, e assim, de resgatar as suas contribuições na construção do país. Para este trabalho, interessa destacar que:

2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, **em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras** (BRASIL, 2017, p. 21. Grifos nossos.).

Embora estas orientações estejam destinadas ao Ensino Fundamental e Médio, é importante mencionar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, avançam em relação ao que foi determinado na Lei 9394/96, contemplando a Educação Infantil. Elas determinam que o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, para além das disciplinas supracitadas, deve se desenvolver por meio de “atividades curriculares ou não,

¹ Os dados coletados para este trabalho partiram de uma pesquisa intitulada “A formação inicial e continuada de professores/as para a educação das relações étnico-raciais no município de Mariana (MG)”, realizada em 2019 com os professores/professoras da Educação Infantil no município de Mariana (MG). A referida pesquisa buscava realizar um levantamento do perfil das/dos professoras/professores no que diz respeito à formação inicial e continuada para o trabalho com a temática da diversidade étnico-racial e os principais desafios encontrados. Buscava, também, identificar quais recursos eram utilizados para o trabalho com as relações étnico-raciais e, nesse sentido, foram indicados seis livros que mobilizaram a segunda fase da pesquisa, em 2021, que se intitulou, “A Literatura Infantil como recurso pedagógico na construção e valorização da identidade e autoestima de crianças negras no município de Mariana (MG)”. Essa proposta tinha como principal objetivo analisar os livros indicados por esses/as professores/ professoras, sob uma perspectiva de análise qualitativa.

trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, **na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação**, quadra de esportes e outros ambientes escolares”. (BRASIL, 2004, p. 21. Grifos nossos)

Essas ações devem ter em vista o desenvolvimento integral da criança na primeira etapa da educação básica, fase que é destinada a crianças de zero a cinco anos e 11 meses, tendo como objetivo o desenvolvimento físico, mental, intelectual e social integral, complementando as ações das famílias e comunidades. Além disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, estabelece que a proposta pedagógica as escolas devem considerar: “O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação” (BRASIL, 2010, p. 21). Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que é ainda na educação infantil que a criança começa a formar sua identidade e o cumprimento da lei por parte das instituições educacionais passa pelo desenvolvimento de práticas que fomentem a valorização e construção da identidade negra nas crianças.

Nesse sentido, é importante considerar as contribuições de Gomes (2002, p.42), ao afirmar que:

Quando penso em identidade negra, sempre me reporto ao que a psicanalista Neusa Santos Souza sabiamente escreveu: “ser negro não é uma condição dada a priori. No Brasil, ser negro é tornar-se negro. ” O tornar-se negro enquanto uma construção social e individual se materializa na concretude de sujeitos sociais, dotados de identidade, corporeidade e memória. Esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade.

Dessa maneira, pode-se salientar que a identidade da criança negra não nasce com ela, mas ela se constrói a partir do que é apresentado a ela ao longo do tempo, ou seja, ela “torna-se negra”. Consequentemente, se ela é submetida a contextos não favoráveis para sua autoimagem, mais próximo ela estará de uma rejeição do seu “eu”. Ao passo que, se for apresentado contextos favoráveis, ela terá um olhar mais positivo sobre si. Ou seja, a identidade é algo socialmente construído e mutável ao longo do tempo (HALL, 2006).

Nesse sentido, na educação infantil, umas das formas para construir essa identidade nas crianças negras e não negras, é a partir da literatura, uma vez que:

Na infância, a literatura é arte que usa as palavras para expressar uma pluralidade de mundos outros, ampliando as potencialidades de imaginação e criação, além de contribuir com uma ética e estética sensíveis às diversidades sociais, étnico-raciais, culturais e de gênero que constituem as crianças brasileiras. (CARVALHO E GAUDIO, 2020, p. 162)

Por isso, é necessário que as crianças negras se vejam representadas nas narrativas em condições favoráveis. Silva Junior (2012), ressalta a importância das instituições de educação infantil, escolherem, adquirirem e apresentarem as literaturas infantis de forma cuidadosa para as crianças. Segundo o autor, “Além da qualidade do texto e das ilustrações, é importante analisar os portadores de texto do ponto de vista da igualdade racial, especialmente, os livros de literatura” (SILVA JUNIOR, 2012, p. 22).

Considerando esses elementos, os livros aqui analisados resultam de um levantamento realizado em escolas de Educação Infantil no município de Mariana (MG). Foi solicitado às/aos professoras/professores que informassem como abordavam as relações étnico-raciais, e a Literatura Infantil foi mencionada, com a indicação recorrente das seguintes obras: “Menina bonita do laço de fita”; “A bonequinha preta”; “O cabelo de Lelê”; “O gato xadrez”; “Chico Juba” e “Peppa”.

Salienta-se que essas obras possuem períodos distintos de produção, uma vez que os livros infantis “Menina bonita laço de fita” e “A bonequinha preta” foram publicados ainda no século XX, e possuem, respectivamente, 84 e 43 anos, no mercado editorial. As outras obras foram produzidas no século XXI, após a promulgação da Lei 10.639/2003.

Considerar o período de produção das obras aqui analisadas é significativo, uma vez que, quando a literatura infantil chega ao Brasil, ainda no século XIX, as narrativas não contemplavam a população negra, conforme ressalta Gouvêa (2005), Silva e Silva (2011), Araújo (2017) dentre outros. Contudo, ao longo do tempo, essa abordagem se altera, sendo possível compreender a produção literária a partir de fases, como mostram os dados referentes à literatura infanto-juvenil no Brasil. Araújo (2018, p. 63) destaca que:

Coelho (1990) propôs uma “divisão histórico-literária” desse gênero literário no Brasil, tomando Monteiro Lobato como marco. Para tanto, a autora estabeleceu três grandes fases: a primeira, chamada de “Precursora ou pré-lobatiana”, que vai de 1808 a 1919, e que tem como principal característica a presença de narrativas orais de origem europeia com forte tendência ao moralismo, ao nacionalismo e ao didatismo; a segunda fase foi denominada de “Moderna ou período lobatiano”, entre as décadas de 1920 a 1970, cujas características relacionam-se à presença do maravilhoso e da desmistificação da moral tradicional e da verdade individual; já a terceira fase, chamada pela

autora de “Pós-Moderna ou período pós-lobatiano”, seria a literatura produzida na contemporaneidade (desde 1970), em que predominariam o experimentalismo com a linguagem e com a imagem por meio de uma literatura inquietante e questionadora das convenções e valores da sociedade.

Tendo em vista que, historicamente, nas diversas fases da literatura infantil muitas representações da população negra remetiam a sua suposta inferioridade, estereótipos, e a sua não valorização, esse trabalho mobiliza reflexões sobre os modos pelos quais as narrativas e imagens dos livros analisados contribuem ou não para o processo de construção de identidade de crianças negras.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a análise dos discursos e imagens das obras, a partir das contribuições de Foucault (2008, p. 132), para quem o discurso pode ser compreendido como um “[...] conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva”, que não busca por ideologias subjacentes ao texto, haja vista que cada obra traz as marcas dos valores e crenças do momento em que foram produzidas. Atrelado a análise dos discursos das obras, foi estabelecido um diálogo com referenciais que estudam raça e identidade (GOMES, 2002; 2003) e a população negra na Literatura (ARAÚJO, 2017; 2018; GOUVEIA, 2005; LIMA, 2005; CUTI, 2010; OLIVEIRA, 2003; SILVA E SILVA e 2011)

Neste sentido, o presente artigo está organizado em três momentos: inicialmente, são apresentados obras e autoras/es, ilustradoras/es, personagens. Posteriormente, são abordadas as características físicas das(os) personagens. No terceiro momento, a ênfase se encontra nos comportamentos das(dos) personagens e ao final, são apresentadas as considerações finais.

1.2- Apresentação das obras: quem são as/os autoras/es, ilustradoras/es e personagens

Conforme já mencionado, seis obras foram indicadas pelas professoras/es na pesquisa de 2019, cujas capas seguem abaixo, e que serão apresentadas por ordem cronológica, a fim de apresentar um breve resumo de sua narrativa, sua autoria e ano de publicação.

CAPAS DOS LIVROS



Imagem 1- Livro "A bonequinha preta" (Capa)
Fonte: Acervo da pesquisa



Imagem 2- Livro "Menina bonita do laço de fita" (Capa)
Fonte: Acervo da pesquisa



Imagem 3- Livro "O cabelo de Lele" (Capa)
Fonte: Acervo da pesquisa

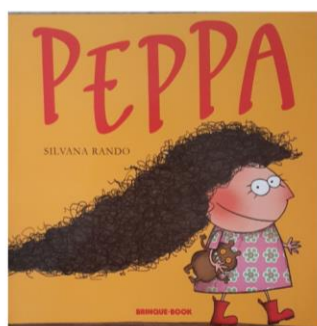


Imagem 4- Livro "Peppa" (Capa)
Fonte: Acervo da pesquisa

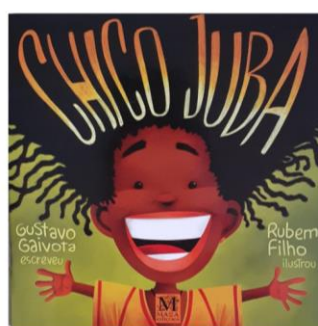


Imagem 5- Livro "Chico Juba" (Capa)
Fonte: Acervo da pesquisa



Imagem 6- Livro "Era uma vez um gato xadrez" (Capa)
Fonte: Acervo da pesquisa

Começando com o livro “A Bonequinha Preta”, escrito por Alaíde Lisboa de Oliveira, com primeira publicação em 1938, ele trata da amizade entre Mariazinha, uma menina branca², com sua Bonequinha preta, que ela amava muito. Um dia, Mariazinha sai para passear e recomenda a Bonequinha que "não faça arte", como chegar perto da janela para não cair, ao que a boneca desobedece. Depois de cair em cima do cesto de um verdureiro e passar por muitas aventuras, ela retorna para casa, prometendo não desobedecer mais.

No que se refere à obra “Menina Bonita do Laço de Fita”, sua primeira edição foi em 1986, escrita pela autora Ana Maria Machado. A narrativa tem como personagens a menina, sua mãe e o coelho, que é um personagem animado. Tendo a menina um papel de protagonista, a obra conta a história da amizade de uma menina preta com o coelho branco, que morava do

² Tendo em vista os objetivos deste trabalho, é importante destacar que as análises fenotípicas tanto personagens, quanto dos autores, foram realizadas a partir de heteroatribuição. Diante disso, as observações do pertencimento racial desses sujeitos partiram da nossa identificação com base nas características físicas, como cor de pele, textura do cabelo e traços faciais.

lado de sua casa e mostra o quanto o coelho branco achava a Menina Bonita do Laço de Fita, “a pessoa mais linda que ele já tinha visto em toda vida” (p.7), chegando a fazer várias coisas para ficar com a cor preta dela, até descobrir que para ser preto, você precisa se parecer com seus antepassados e então, dessa forma, ele resolve que deveria se casar com uma coelha preta para ter uma coelhinha pretinha, que nem a Menina Bonita do Laço de Fita. Ele acaba encontrando uma coelhinha e tem vários filhotes miscigenados.

Agora, o livro “O cabelo de Lelê”, teve sua primeira edição no ano de 2007 e foi escrito por Valéria Belém. Na obra, a personagem Lelê é a protagonista da história e, apesar da autora descrever somente seu cabelo, e não mencionar características fenotípicas da personagem, o exame da narrativa e das ilustrações permite verificar que se trata de uma menina negra. Ao longo da narrativa, Lelê, a princípio não gosta dos seus cabelos crespos, mas ao longo da história, ela segue questionando o por qual motivo seus cabelos serem desse jeito, resolve fazer uma pesquisa e depois que descobre suas origens no continente Africano, passa a amar seu cabelo, pois reconhece sua importância e a diversidade que seu crespo traz. No livro, ainda são apresentados personagens com diferentes tipos de penteados: amarrados, trançados, soltos e encaracolados, mostrando as diversas possibilidades para o cabelo crespo.

O livro “Peppa³” foi escrito e ilustrado por Silvana Rando, em 2009 e narra a história de uma garota de pele clara e cabelos crespos. Apesar de não constar na obra que ela seja uma garota branca, é importante destacar que Peppa tem o mesmo tom de pele de todos os outros personagens que aparecem na obra, inclusive sua mãe, e todos possuem traços fenotipicamente brancos.

O cabelo de Peppa é apresentado como o “mais forte do universo” e nesse sentido, ela faz coisas incríveis, como puxar seu berço com o cabelo. Além disso, o cabelo da protagonista é usado em diversas atividades, como em brincadeiras de cabo de guerra com as amigas, ou por sua mãe, que corta alguns fios com um alicate, para amarrar pacotes de alimentos. Certo dia, após ver um cartaz de um salão de beleza, o qual apresentava uma mulher de cabelos lisos, Peppa decide ir a esse salão fazer um procedimento de alisamento e, na sequência da história, podemos identificar através das ilustrações e até mesmo na narrativa, o desgaste físico da cabeleireira e espanto das clientes. Quando ela sai do salão, recebe uma lista de coisas que não pode fazer, como por exemplo, nadar na piscina. E assim, a garota vai ficando frustrada com a

³ O livro “Peppa” foi retirado de circulação, pela autora, após manifestações nas redes sociais que apontavam que ele reforçava um tratamento racista em relação a personagem. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/autora-de-livro-peppa-fala-sobre-acusacao-de-racismocrime-que-nao-cometi.ghtml>. Acesso em: 30 ago. 2021

situação e, com a chegada do verão, Peppa acaba pulando na piscina e volta com seus cabelos crespos.

Já a obra “Chico Juba” foi escrita no ano de 2011, por Gustavo Gaivota e conta a história do protagonista, de mesmo nome da obra. Chico Juba é um menino negro, com cabelo Black Power, mas, durante muito tempo, quis que seu cabelo fosse diferente. Por esse motivo, o garoto virou um inventor e passou a criar xampus de diversos tipos para seu cabelo: feito de dente de leão, sabão em pó, terra roxa e de água de bateria. Porém, ao longo da história, esses inventos acabam não dando certo, proporcionando um resultado contrário do que ele imaginava. Então o personagem para de criar e passa a comprar diferentes tipos de xampus, que também trazem resultados inesperados, como mudar o tom de sua voz. Ao longo da narrativa, Chico Juba passa por diversas aventuras com suas transformações que acabam não dando certo e, ao final, ele decide “aceitar seu cabelo do jeito que ele é” (p.23) e no desfecho da história, o personagem é apresentado utilizando vários tipos de penteados afro.

Por fim, a obra “Era Uma Vez um Gato Xadrez” foi escrita por Bia Vilela, no ano de 2016 e narra a história do gato xadrez, o único personagem e protagonista. A peculiaridade desta obra, segundo dados encontrados no próprio livro, é que ela foi escrita com o intuito de ajudar as crianças a aprenderem as cores, o que pode ser observado nesses trechos: “Era uma vez um gato azul. Levou um susto e fugiu para o sul” (p.5) [...] “Era uma vez um gato vermelho. Entrou no banheiro e fez careta no espelho” (p. 7) [...] “Era uma vez um gato colorido. Brincava com os amigos e era muito divertido” (p. 13). É dessa forma que a história se desenvolve, até finalizar com a seguinte frase: “Era uma vez um gato xadrez. Quem gostou dessa história que conte outra vez” (p. 24).

Um ponto a destacar se relaciona ao trabalho de Cuti (2010), sobre a Literatura Negro-Brasileira, por meio dele, nos permite destacar a relevância de autores negros e suas vivências raciais, nas obras de literatura infantil. De acordo com o autor “a produção literária de negros e brancos, abordando as questões atinentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses produzem” (CUTI, 2010, p. 33). Daí a importância de enfatizar a ausência de autoras/es negras/os nas obras analisadas, haja vista que a Literatura Negro-Brasileira é elaborada pela população negra, a partir de suas experiências no Brasil.

Tendo em vista que as análises também se voltaram para o pertencimento racial de autoras(es) e ilustradoras(es) das obras, é importante destacar que apenas Rubem Filho,

ilustrador do livro “Chico Juba”, é identificado como sendo de cor/ raça, preta/negra. Por mais que alguns desses livros possuam um caráter positivo em relação a população negra e contribua na construção da identidade, valorização da autoestima e de uma autoimagem positiva das crianças negras, como “Chico Juba” e “o cabelo de Lelê”, esses dados nos mostram que, mesmo após a lei 10.639/2003, as narrativas de autoras (es) negras (os) ainda não constam no repertório das (dos) professoras (es) que responderam ao questionário da pesquisa realizada no ano de 2019.

No que diz respeito ao contexto em que essas obras foram produzidas e publicadas, levando em consideração as primeiras edições, um primeiro elemento a ser destacado é que duas são de período anterior à legislação que orienta esse trabalho e as outras quatro são de período posterior. A obra “A Bonequinha Preta”, particularmente, foi publicada 50 anos depois da abolição da escravatura, num momento que, segundo Araújo (2018), ao tratar da presença da população negra em obras literárias, corresponde a segunda fase da produção literária (1920-1970), em que as(os) personagens são marcadas(os) por misticismos, docilidade, ignorância, resignação etc. A obra “Menina Bonita Laço de fita”, publicada em 1986, quase 100 anos após a abolição, está situada numa fase que Araújo (2018) apresenta como sendo a Terceira fase da produção literária infantil, que se estendeu de 1970 a 1990. Também é mencionado pela autora que nessa fase os livros de literatura começam a trazer os personagens negros em contextos significativos, assim como se pode notar na história da “Menina Bonita Laço de Fita” que rompe em alguma medida com alguns estereótipos. No entanto, apesar de ter acontecido uma valorização apreciável do papel do negro nos livros de literatura, colocando-os como protagonistas, em muitas narrativas eles continuaram sendo marcados por estereótipos e violência racial. Debora Cristina Araújo (2018, p. 73), após realizar análises em livros de literatura infantil constatou como um de seus resultados que “quanto mais antiga seja a obra, maiores são as chances de conter estereótipos negativos e racismo implícito ou explícito”.

Neste sentido, é importante destacar o trabalho de Gouvêa (2005, p. 90) que, ao analisar a representação de personagens negros na Literatura Infanto-Juvenil, desde o início do século XX, considerando o contexto sócio histórico, afirma que

O fim da escravidão não significou a ruptura com um modelo de submissão e subserviência, mas, ao mesmo tempo, a construção de um Brasil moderno significou a incorporação mitificada do negro como parte constitutiva da cultura nacional, representante de tradições e costumes que confeririam identidade ao país. O resgate de tais tradições não significava, na produção literária analisada, a incorporação do negro ao cenário da época, mas o remetimento de sua cultura ao passado. O lugar do negro no projeto de nação

que se desenhava no período analisado e que era apresentado na literatura só era possível mediante a negação de suas marcas raciais, pelo embranquecimento reiteradamente descrito nas narrativas.

O que se observa a partir das contribuições da autora é que no processo de construção de uma identidade nacional, no período republicano, a Literatura Infanto-juvenil reiterou estereótipos raciais, no que diz respeito à população negra, seja a invisibilizando, seja tratando-os de forma mitificada (pretas velhas e pretos velhos), ou por suas características físicas, ao invés de um nome (negrinho, negrinha, dentre outros).

Ainda sob a perspectiva de Araújo (2018), as outras quatro obras, já produzidas no século XXI, contemplam um período em que, segundo a autora, a estética e a identidade negra são valorizadas, bem como há um resgate da herança e ancestralidade africanas. Ao mesmo tempo, é importante ter em vista que, de acordo com Santos (2005), os movimentos negros, desde o início do século XX, se mobilizaram em favor de práticas educativas para a população negra, ao mesmo tempo em que reivindicavam a inclusão da História e Cultura Africana e dos negros no Brasil, nos currículos escolares. É preciso enfatizar, também, que as articulações dos movimentos negros, com políticos atentos as suas demandas, reverberou na elaboração de leis que incluíam disciplinas com temática africana e afro-brasileira em alguns estados e municípios. No que se refere a temática examinada neste trabalho, podemos destacar as seguintes leis e suas propostas, segundo levantamento de Santos (2005): a Lei nº 6.889, de 5 de setembro de 1991 (Porto Alegre, RS); A Lei nº 2.251, de 31 de março de 1995 (Aracaju, SE) e a Lei nº 2.639, 16 de março de 1998 (Teresina, PI).

Os elementos apontados nas leis sinalizam para a necessidade de se considerar a população negra na história nacional, bem como as lacunas existentes na produção literária e de formação docente. Daí a importância da análise de obras literárias, uma vez que elas também foram objeto das legislações que buscaram assegurar a abordagem da temática aqui em questão nas instituições de ensino.

O exame das obras, aqui apresentadas no que diz respeito à construção e valorização da identidade negra, considerou o fato desta literatura ser um produto cultural voltado para o público infanto-juvenil. Na infância, a literatura contribui para uma percepção ampla da sociedade e espera-se que, a partir dela, a criança construa sua identificação, autoestima e uma imagem positiva de si e do outro. Ela propicia uma visão de mundo contada por outras pessoas, que nos permite desenvolver, aprender e amadurecer e, nesse sentido, ela está atrelada a nossa identificação e representação de como ser no mundo. Sendo assim, a identidade é aqui

compreendida na perspectiva de Jacques d'Adesky (2001), citado por Gomes (2002, p. 39), quando afirma que “a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação”. No que diz respeito à identidade negra, Gomes (2002, p. 39) afirma que ela pode ser compreendida

como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

Nesse processo de construção, é possível considerar, que na educação infantil, a identidade das crianças também se constitui a partir das referências encontradas em livros de literaturas destinadas a elas.

Para uma melhor compreensão dos elementos aqui apresentados, os dados analisados estão organizados em duas categorias: primeiramente, a apresentação da Abordagem das características físicas das(os) personagens: a (in)satisfação com o cabelo crespo e o tom da pele e, num segundo momento: Abordagem dos comportamentos das(dos) personagens: discursos sobre o pesquisar, o inventar, o “fazer arte” e o desobedecer”, ressaltando como esses elementos aparecem nas narrativas, tanto naquelas do século passado, quanto nas narrativas do século atual.

1.2.1 Abordagem das características físicas das(os) personagens: a (in)satisfação com o cabelo crespo e o tom da pele

Um dos pilares para construção da identidade das crianças negras é a valorização das suas características físicas, seu corpo e seu cabelo. De acordo com Gomes (2003, p. 174):

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário.

Nos livros pesquisados, três abordam, diretamente, o cabelo crespo, sendo eles: “O cabelo de Lelê”, “Chico Juba” e “Peppa”, além disso, no livro “Menina Bonita do laço de Fita”, o cabelo da personagem também é descrito, apesar do livro não ser sobre essa temática.

No que diz respeito a obra “O cabelo de Lelê”, é possível verificar que a princípio, Lelê não gosta do que vê, mas o motivo é porque ela não sabe a importância que seu crespo carrega

e quando ela questiona o porquê e pesquisa, acaba descobrindo que tem o cabelo crespo em função de suas origens africanas, passando a gostar do que vê.

Para além das análises aqui apresentadas, um outro olhar que não se relaciona com a perspectiva étnico-racial é enfatizado pelos autores Lima Junior e Tauchen (2017), quando mencionam que nas ilustrações, Lelê aparece vestida de branco, abraçando o que parece ser seu "namorado", representando o que se assemelha a um matrimônio. De acordo com eles,

A partir da representação da personagem com um vestido branco, pode-se fazer referência à lógica matrimonial, tirando da infância o governo de si, através de uma indução ao casamento nas imagens retratadas. (LIMA JUNIOR; TAUCHEN, 2017, p. 139)

Dessa forma, eles salientam que essa parte da narrativa vai na contramão do que a obra sugere inicialmente, que é o conhecimento de sua origem e ancestralidade étnico-raciais, pois esse determinado trecho traz uma perspectiva de erotização das infâncias.

Assim como ocorre na narrativa “O cabelo de Lelê”, no livro o “Chico Juba”, o personagem principal quer que seu cabelo seja diferente, mesmo com as pessoas verdejando de inveja, e assim ele passa a inventar e utilizar diversos tipos de xampus. Mas por qual motivo o garoto quer essa mudança? Por que ele passa a inventar xampus para modificar sua juba? Mesmo que inicialmente o garoto queira mudar sua juba, de uma forma humorística, percebe-se a liberdade capilar do garoto através dos seus inventos, mostrando que ele pode mudar o seu cabelo quantas vezes ele quiser até querer estar com seu cabelo natural.

Com relação a insatisfação do cabelo apresentado pelos dois personagens ao início das narrativas, pode-se mencionar que essa atitude está a atrelada ao fato do cabelo crespo ser visto como algo exótico ou fora do padrão socialmente valorizado, assim como também é destacado pelos autores, Lima Junior e Tauchen (2017) e Alves e Reis (2020). Ou seja, essa percepção distorcida sobre seus cabelos, é alusiva a resquícios do passado racista que se construiu de uma forma inconsciente do imaginário popular. Quando identificada essa problemática em sala de aula, atrelada a esse padrão imposto socialmente, que é reproduzido em forma de racismo, por crianças, na escola, Alves e Reis (2020, p. 245) salientam que “a literatura infantil pode atuar como elemento lúdico e político para facilitar o entendimento das diferenças entre os grupos”, e dessa maneira, as crianças negras, conseguem construir uma autoimagem positiva valorizando sua estética.

Outro ponto importante a considerar é que dentre as narrativas apresentadas, a obra do “Chico Juba”, traz um olhar sob a perspectiva do menino negro, que utiliza seu cabelo “Black Power”, representado com diversos tipos de penteados, o que é significativo, pois o cabelo crespo de menino também é visto como algo fora do padrão. Esse elemento é importante pois meninos negros são cerceados de utilizarem seu cabelo crespo “Black Power”, ficando restritos ao corte “raspado”. Aguiar, Piotto e Correa (2015, p. 382) abordam algumas situações, discriminatórias com crianças negras, relatadas por alunas de pedagogia em seu período de estágio em uma escola de Educação Infantil:

Segundo o registro das alunas, as professoras consideravam o cabelo muito “difícil” de arrumar. Elas também observaram esse mesmo tipo de discriminação com os meninos negros, relatando uma situação ainda mais crítica. Quando um deles pediu à professora que o penteasse, ela respondeu rindo: “Você não tem cabelo!”. Como outros meninos negros, este tinha o cabelo cortado bem curtinho.

Nesse sentido, é considerável o destaque para o crespo do Chico Juba, que rompe com a narrativa de cabelo raspado em meninos, mostrando outras possibilidades para penteá-lo. Além disso, usualmente, as narrativas que contemplam a estética dessa característica nas literaturas infantis, trazem uma valorização atreladas às meninas negras e não aos meninos.

Outro aspecto observado na história do Chico Juba, por autores que analisaram a mesma obra, para além das relações étnico-raciais diz respeito ao fato do garoto ficar com a voz feminina, por utilizar um xampu de mulher, levando o espectador a entender que “as mulheres são mais exigentes com o trato dos cabelos” (SILVIA E SANTOS, 2021, p. 55). Entretanto, após o seu uso, a “sua voz ficou fina e suave, como a de uma mulher” (GAIVOTA, 2011, p. 19). Os autores chamam atenção para o debate de como o negro é colocado em contexto de ser truculento e agressivo e tudo que não se encontra nesse campo, não pode ser considerado masculino. “Não podendo de nenhuma maneira ficar com “voz de mulherzinha” (SILVA E SANTOS, 2021, p. 56), como evidencia a narrativa: “sem dúvida ficou com uma voz muito agradável, mas não combinou com seu estilo” (GAIVOTA, 2011, p. 19).

Na narrativa “Menina Bonita do Laço de Fita”, a menina também possui o cabelo valorizado, sendo destacado, ainda no início do livro que “Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos de fiapos da noite” (MACHADO, 2000, p. 4). Essa valorização é destacada, também, a partir do cuidado da sua mãe, que aparece fazendo trancinhas em seu cabelo. Quando

o penteia e o enfeita com laço de fita, a autora destaca que, “ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África” (p. 5). Gomes (2003, p. 177), salienta que:

O uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela criança negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças, na infância, constitui um verdadeiro ritual para essa família. Elaborar tranças variadas no cabelo das filhas é uma tarefa aprendida e desenvolvida pelas mulheres negras.

A partir das contribuições da autora, é possível afirmar que usar tranças está relacionado a uma tradição africana e pode ser considerado algo atrelado ao cuidar. A importância desse penteado perpassa a infância das crianças negras, contribuindo significativamente para a construção da identidade.

Pode-se observar um enfoque importante para a valorização da estética negra nas obras, que são as apresentações dos penteados dos personagens, Menina Bonita, Lelê e Chico Juba, que aparecem nas ilustrações com tranças e penteados afros, durante a narrativa. Além disso, dois protagonistas possuem o cabelo Black Power, tudo isso representando uma característica marcante da população negra.

Uma outra perspectiva de análise, para além do foco deste trabalho, nos leva a refletir sobre os diversos arranjos familiares, vigentes em nossa sociedade, e a partir disso, levar aos alunos a essa reflexão. Pois a história, mesmo que de forma subliminar, mostra somente a figura materna com o cuidado da menina, bem como somente a figura da sua avó que está em uma fotografia. Para Vianna (2018, p. 255):

Os livros são fios condutores para pensarmos os processos identitários, de reconhecimento e valorização da imagem negra dentro das escolas, por meio de textos, imagens e outros elementos trazidos no livro, pois nada em um livro é por acaso, todos os elementos são intencionais.

Ou seja, a literatura auxilia na construção da identidade da criança que pertence aos mais diversos tipos de famílias existentes, e é também por meio das intencionalidades dos livros que elas se reconhecerão no seio familiar, na qual também construirá seu “eu”.

No que diz respeito ao cabelo da personagem Peppa, ela não apresenta referenciais positivos para a construção da identidade das crianças negras, pois na tentativa de se trabalhar a aceitação e a autoestima, esses elementos foram desvalorizados na obra e/ou apresentados de forma ambígua. Inicialmente, a personagem tem seu cabelo crespo comparado ao fio de aço, além disso, nas ilustrações ela utiliza o cabelo para puxar berço, geladeira e um carrinho de supermercado. Ele também é apresentado em momento de lazer, quando suas amigas brincam de cabo de guerra com o cabelo. Em dado momento, até sua mãe, uma mulher branca de cabelo

liso, amarra sacos de alimentos com os fios e para fazer isso, ao invés de utilizar uma tesoura, recorre a um alicate.

Ainda no livro da Peppa, quando ela decide não ter mais os seus cabelos crespos, o cartaz que mobiliza a mudança da personagem é de uma mulher branca de cabelos loiros e liso, reforçando um padrão eurocêntrico, do que se determina como bonito e aceitável, o que não contribui para a identidades das crianças negras. De acordo com Oliveira (2014, p. 9), “Num país eurocêntrico e racista como o Brasil, os livros de forma geral, bem como a literatura infanto-juvenil tendem a refletir pensamentos/posturas eurocêntricos e racistas”. Esse é um reflexo que é marcado por um passado recente que foi disseminado na sociedade a partir de teorias científicas racistas e que se perpetua por meio de algumas literaturas, afetando diretamente as crianças negras de uma forma exacerbada.

Ademais, na cena que retrata o salão de beleza, além da cabeleireira e das clientes ficarem espantadas com o cabelo crespo da garota, como afirma a narrativa, as ilustrações reforçam a cena, apontando a utilização de ferramentas para “arrumar” o cabelo da Peppa. Em seguida, após a menina passar dezesseis horas, quarenta e oito minutos para “domar” a cabeleira, a mão da cabeleireira aparece toda machucada, dando a entender que o cabelo da menina é “duro”, expressão genérica presente na sociedade, utilizada para depreciar o cabelo crespo, ou seja, o cabelo é estigmatizado, sendo colocado como algo feio e repulsivo. Pode-se concluir que esses enunciados identificados no livro fazem referências ao cabelo crespo como sendo algo disforme e ruim, não contribuindo para a afirmação positiva das crianças negras, que em sua maioria possuem cabelos crespos.

Os elementos analisados no livro da personagem Peppa vão ao encontro das observações apresentadas por Vianna (2018). Em seu artigo, expõe sua percepção com relação aos sentimentos apresentados ao se deparar com a narrativa da Peppa,

Esse livro me faz lembrar às vezes em que neguei o meu cabelo, por achar que se eu alisasse o cabelo ficaria mais bonito e seria aceita. Entender que a beleza está em cada um, do jeito que somos, faz parte de um processo longo de aceitação e qualquer alteração estética que queira mudar a nossa essência de forma violenta deve ser revista (VIANA, 2018, p. 264)

Assim como Vianna, muitas crianças podem ter a mesma percepção com relação a história, apesar do final a menina não se sentir confortável de usar o cabelo alisado, pois dessa forma ela necessita deixar de realizar coisas de criança, e ela acaba voltando a usar seu cabelo

crespo. Em muitos momentos isso não é tão tranquilo como apresentado no livro, pois pode causar traumas que marcam a vida toda.

No que diz respeito ao tom da pele, das personagens, pode-se salientar que as características fenotípicas que incidem sobre o negro, é de grande importância para a formação da identidade, dentre todas uma das que mais se sobressai, além do cabelo, são as características da cor da pele. De acordo com Gomes (2003, p. 174),

Em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma vasta história. Uma história ancestral e uma memória. Há, também, significações e tensões construídas no contexto das relações raciais e do racismo brasileiro. A discussão sobre a riqueza do trato do corpo negro e sobre os processos de opressão que o mesmo tem recebido ao longo da história pode vir a ser uma rica atividade pedagógica a ser desenvolvida com os alunos e as alunas em sala de aula, possibilitando debates e atividades sobre a história e a cultura afro-brasileira.

A partir das contribuições de Gomes (2003), é possível considerar que a literatura utilizadas nas instituições de ensino, principalmente na educação infantil, precisa enfatizar discursos de valorização do negro, em todas as suas características, seja no cabelo ou na cor da pele, tanto nas narrativas, quanto em suas ilustrações, a fim de proporcionar uma construção positiva da identidade de crianças negras, a partir de debates contextualizados, também proporcionando um respeito mútuo entre as crianças negras e não negras.

Com relação a apresentação do negro a partir das suas características fenotípicas, a maioria dos livros, exceto “Era uma vez um gato xadrez⁴” e Peppa, possuem os personagens negros como protagonistas das histórias.

Nessa perspectiva, com relação ao tom de pele, podemos citar que os livros “O cabelo de Lelé”, “Chico Juba” e “Menina Bonita do Laço de Fita”, são obras que contemplam a valorização da cor dos personagens em certa medida. Apesar de alguns livros não fazerem essa descrição, a partir das suas ilustrações podemos identificar, como, por exemplo, no livro “Menina Bonita Laço de Fita, Machado (2000, p. 4) afirmando o seguinte: “a pele era escura e lustrosa que nem pelo da pantera negra quando pula na chuva”.

Contudo, nos livros “A Bonequinha Preta” e “Menina Bonita do Laço de Fita”, existem elementos que precisam ser problematizados, no que se refere às suas contribuições para essa valorização, pois observa-se a reiteração de estereótipos relacionados à população negra. Na

⁴É importante mencionar que não foram encontradas análises de outros autores sobre a narrativa do “Era uma vez um gato xadrez” e “A Bonequinha Preta”, com relação à temática étnico-racial.

primeira obra, a Bonequinha tem sua cor comparada ao carvão, da seguinte forma: “A Boneca de Mariazinha é preta como carvão” (p. 5). Esse elemento é importante, pois algumas crianças negras têm sua cor associada ao carvão de forma pejorativa e não como elogio. Sobre essa questão, Tolentino (2018, p. 34) destaca que “Ao longo de toda trajetória escolar, dificilmente um indivíduo negro não será alvo de apelidos ou xingamentos que inferiorizam e desqualificam seus traços físicos: "beijuda/o", "macaca/o" e carvão" são alguns deles”.

Outra questão se apresenta problemática, como no seguinte momento: “A boneca de Mariazinha é muito bonita! Ela tem duas trancinhas, tem a boca vermelha e os olhos redondos”. Apesar da narrativa afirmar que a boneca é bonita, a ilustração não condiz com o descrito, pois o desenho não demonstra a beleza negra com a finalidade de proporcionar uma identificação e até mesmo uma inspiração para as crianças negras: a boneca reproduz estereótipos genéricos estigmatizados, presentes na sociedade, com relação ao negro. Lima (2005, p. 102) afirma que “As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado”. Desse modo, se as imagens reforçam uma perspectiva desvalorizada dos personagens negros, logo as crianças não vão querer ser comparadas com ele, não vão se sentir representadas.

Nesse sentido, é importante considerar os impactos que essas imagens e enunciados causam na trajetória das crianças negras, pois segundo Oliveira (2014, p. 19) “os xingamentos incidem diretamente no estigma delas – a cor da pele – bem como em suas características como lábios, nariz, quadris etc. Essa perspectiva é corroborada por Gomes (2003, p. 173), ao afirmar que:

As experiências de preconceito racial vividas na escola, que envolvem o corpo, o cabelo e a estética, ficam guardadas na memória do sujeito. Mesmo depois de adultos, quando adquirem maturidade e consciência racial que lhes permitem superar a introjeção do preconceito, as marcas do racismo continuam povoando a sua memória.

Por isso, faz-se necessário um olhar mais atento sobre essas questões, para que não se reproduzam estereótipos que não colaborem com a construção da identidade e da autoimagem positiva em crianças negras.

1.2.2 Abordagem dos comportamentos das(dos) personagens: discursos sobre o pesquisar, o inventar, o “fazer arte” e o desobedecer

É importante destacar que a construção da identidade das crianças negras também pode

ser influenciada pelos comportamentos associados aos personagens negros nos livros de literatura.

Nas obras examinadas, os elementos que colaboram positivamente, nesse sentido, estão presentes no livro “O cabelo de Lelê”, quando se destaca que a personagem pesquisa suas origens africanas, em livros que exaltam o porquê dela possuir o cabelo cacheado/crespo, e assim, sendo representada num contexto positivo, associado a práticas de leitura. Já no livro do “Chico Juba”, esses elementos aparecem quando o garoto é apresentado como um grande inventor/cientista. Elementos positivos também podem ser observados na obra “Menina Bonita do Laço de Fita”, quando a protagonista é destacada dançando ballet e lendo um livro, em seu ambiente familiar, uma vez que esses contextos e situações reforçam representações positivas para as crianças negras, que comumente não são representadas nesses cenários em muitos livros de literatura. Esse elemento é particularmente importante, quando se considera que mulheres negras, em muitas obras, foram representadas como empregadas domésticas, conforme o trabalho de Lima (2005).

No entanto, embora a obra “Menina Bonita Laço de Fita”, possua os pontos positivos, já apresentados, algumas questões relacionadas ao comportamento e representações dos personagens são desfavoráveis. A título de exemplo, o livro nos traz uma reflexão acerca da mestiçagem, em dois momentos, o primeiro, ao apresentar a mãe da menina, esta é descrita como uma bela mulata, termo carregado de estereótipos, pejorativo e depreciativo com relação a mulher negra. Esse termo é criticado por Corrêa (1996, p. 44), da seguinte forma:

É como se fosse impossível tratar de raça sem tratar de sexo ou de sexualidade: produto de relações sexuais (espúrias) o mulato trazia já no nome escolhido para designá-lo a marca de sua origem. (Durante algum tempo discutia-se na literatura médica se os mulatos, como o seu nome indica, eram ou não estéreis – como as mulas, produtos do cruzamento entre éguas e jumentos).

O autor denuncia que o mulato é aquele que nascia de um relacionamento falso, desonesto, ou seja, fruto da violência sexual de homens brancos contra mulheres negras e indígenas. Além disso, esse corpo (mulato) estava marcado como animalizado (cruzamento entre éguas e jumentos) e chegou a ser cogitado como desprezível.

Num segundo momento, a mestiçagem é abordada no livro, por meio da ninhada de coelhos de todas as cores e, “até”, uma “coelha pretinha”, que é a última a ser aludida pelo narrador. É válido salientar, que esses fatos mencionados merecem uma atenção, pois a narrativa demonstra um reforço para o mito da democracia racial através da mestiçagem, o que

para o período de publicação da obra é visto como algo positivo. Desse modo, é fundamental uma análise para esses trechos da narrativa, pois para Silva (2005, p. 125):

Brasil mestiço também quer dizer, embora não o diga explicitamente, país que tem o embranquecimento como medida para o progresso; nação que procurou diluir todo o conhecimento produzido pelos povos colonizados para tratar com a maior deferência possível o conhecimento oriundo das metrópoles coloniais; sociedade que glamourizou o escravismo e o conseqüente contato inter-racial, desconsiderando sua gênese insofismável, marcada pela violência sexual contra mulheres indígenas e negras.

Apesar do nosso país ser diverso e miscigenado, o que muitas pessoas não sabem é de como esse processo de embranquecimento da sociedade brasileira foi perpetuado de forma violenta e velada. O ser negro era algo que não era aceitável, pois o ideal disseminado na mente das pessoas era o eurocêntrico. A partir das teorias eugenistas que se difundiram, as pessoas negras consideradas inferiores deveriam ser extintas para que o Brasil fosse mais puro, e esse processo se deu de uma forma agressiva e violenta assim como menciona Gomes (2005), em contraponto ao autor Freyre (1933), que com seu livro *Casa-Grande e Senzala*, perpetuava a miscigenação como motivo de orgulho. A autora pontua que esse autor não levava em consideração que a miscigenação:

foi construída a partir da dominação, colonização e violência, sobretudo, de uma profunda violência sexual dos homens brancos em relação às mulheres negras e indígenas. E mais, na sua interpretação ele não estava preocupado com a ponderação de que qualquer forma de dominação e violência é perversa. (GOMES, 2005, p. 58)

Ou seja, essas misturas de raças que consolidaram o Brasil tinham como um único objetivo o extermínio da população negra, em detrimento da população branca, ou seja, com essa “mistura”, visava ao máximo, aproximar a população do padrão de beleza de grupos dominantes. Nesse sentido, o discurso de que somos miscigenados e que somos todos “iguais”, está relacionado com o que é conhecido como o mito da democracia racial, que é utilizada para esconder o racismo dentro da nossa sociedade.

Dessa forma, a crítica apresentada está relacionada ao modo que a miscigenação foi colocada no livro, de uma forma natural, perpetuando o mito da democracia racial dentro da literatura, mas é sabido que o período em que a obra foi publicada, os estereótipos relacionados aos negros ainda se apresentavam de forma muito intensa nas histórias infantis. Por isso, é necessária essa crítica, para que se tenha um olhar atento ao nosso passado e para que seja possível ensinar as crianças de forma adequada, pois tudo isso será necessário para a construção

da sua identidade negra.

Uma outra crítica a essa obra, está relacionada ao fato de quando a mãe “mulata” explica para a menina que ela é pretinha em função das “artes de uma avó preta que ela tinha” (MACHADO, 2000, p. 14). Esse elemento sinaliza para um comportamento questionável da avó em relação a um homem branco. Esse exposto, também é problematizado por Oliveira (2018, p. 12), quando pondera:

E a “menina bonita”, até o desenrolar da trama, não descobre o porquê de “ser tão pretinha”, pois a sua mãe justificou a “cor” em virtude de uma “arte” da “avó” que ela tinha. A idéia que emerge da “arte” tem uma conotação pejorativa, como sendo uma travessura feita pela avó da “menina”. A justificativa da “mãe” é também criticada por Silva (2001, p. 40), por compreender que houve, nesse sentido, uma dificuldade da autora em “explicar os determinantes da diversidade racial”.

Desse modo, o que vem a ser essa arte? Seria algo errado? Essa questão é pertinente, pois ela só é pretinha por causa dos seus antepassados. Esse enunciado “Artes”, é importante, porque ele também foi utilizado por Oliveira (2004) na obra “A bonequinha preta”. Na referida obra, ele é mencionado no momento em que Mariazinha pede para a boneca não a desobedecer, dizendo: “Fique muito quietinha em casa e não faça arte” (OLIVEIRA, 2004, p. 10), mas logo em seguida, a Bonequinha acaba fazendo a “arte”, pois não obedece a Mariazinha.

Dessa maneira, para fim de contextualização e entendimento do que Oliveira (2018) chama de determinantes da diversidade racial⁵. Nesse sentido, para além das análises das obras, ocorreu uma pesquisa em dois dicionários publicados no contexto de produção destas obras infantis, com o objetivo de compreender o significado do enunciado “artes” nos livros “A Bonequinha Preta” (1938) e “Menina Bonita do Laço de Fita” (1980). Após essa averiguação, foram encontradas as seguintes definições para a palavra “Arte” no Dicionário Português Latino- Francisco Torrinha (1939, p. 129), que é definida como [...] “Quint. 4. V. ⁶ardil, artifício”.

No Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa- Caldas Aulete (1980), a palavra “arte” é definida como [...] “O saber, a habilidade, a perícia em empregar os meios necessários para conseguir um resultado: a *arte* de governar. [...] Engano, astúcia, artimanha: Teve a *arte*

⁵Mesmo a mãe da Menina sendo negra, ela justifica a cor da garota como sendo “Artes” da avó preta”, não possuindo um repertório para explicar a filha o que determina a diversidade racial, que nesse ponto, pode ser sinalizado, talvez, como a mistura de raças entre avó que também era negra e o avô que poderia ser branco.

⁶ Ardil, m. 1. “Astúcia para enganar// [...] preparar para tramar [...]” (AULET, 1939, p. 114)

de lhe extorquir o sim. // Maldade: coração sem *arte*. // (Bra.) Travessura, traquinada, traquinice” [...] (1980, p. 357).

Como é possível notar, isso corrobora as indagações realizadas anteriormente, pois o fazer arte tanto na obra, “A Bonequinha Preta”, quanto na literatura da “Menina Bonita Laço de Fita”, está relacionada a coisas ruins, enganação, malícia e etc. O que implica dizer que o enunciado “artes” apontado nesses contextos e associados a personagens negras, refere-se a um comportamento inadequado que contrasta com o comportamento das outras personagens brancas, sempre carinhosas e educadas. Essas abordagens distintas, no contexto da Educação Infantil, podem reverberar na identidade, valorização, autoestima e autoimagem positiva dessas crianças, pois remetem a narrativas que a origem e comportamento do negro estão associadas a algo errado, a alguma “arte”.

Outro ponto a se pensar, na perspectiva da construção da identidade das crianças negras, a partir das narrativas e imagens das obras, é que a Menina e a Bonequinha Preta não possuem nomes. Levando em consideração que a prática docente nas instituições de Educação infantil costuma privilegiar o nome das crianças, esse elemento tornou-se importante na reflexão aqui proposta, tendo em vista a possibilidade de não identificação das crianças negras, uma vez que, em muitos momentos dentro das escolas são chamadas por apelidos relacionados diretamente a sua estética, assim como menciona Santiago (2015, p. 443) “moreninho, mulato, estranhos, pretinhos e etc, coisificando as crianças negras negativamente, não as vendo em suas singularidades e enquanto sujeitos possuidores de desejos e direitos”.

Por fim, destaca-se que o enredo da história, “Era uma vez o Gato Xadrez”, não traz uma valorização da população negra, nem sua desvalorização, pois a partir do personagem de um gato, a obra busca trabalhar as cores. Neste caso, ela não será aqui analisada, uma vez que o uso da obra para tratar a temática racial nas escolas, depende do tipo de abordagem a ser adotada pela (o) professora (or). Neste caso, é necessário reiterar a importância da mediação da(do) professora(or) no trabalho com essa obra, haja vista que ela não possui nenhuma descrição, ou algo que remeta à diferença entre pessoas, o que pode não contribuir no reconhecimento e autoestima das crianças negras.

Salientamos que, atualmente, temos uma produção significativa de autoras (es) negras (os) cujas obras abordam a temática racial e que contribuem de forma significativa para a construção da identidade, autoestima e autoimagem positiva das crianças negras e valorização do negro para as crianças não negras. Nessa perspectiva, é preciso um olhar mais crítico e voltado a essas obras, para assim, trazer às salas de aula as literaturas que representam as ancestralidades pertencentes a essas crianças negras. Pois entendemos que é interagindo com

seus grupos, tendo contato com sua ancestralidade, que os laços afetivos de identificação ficam mais evidentes e não são tratados de formas depreciativas, pejorativas e generalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve por objetivo a análise de seis livros de literatura infanto-juvenil utilizados por professoras/professores, das instituições de Educação Infantil municipais da cidade de Mariana (MG), mencionados em uma pesquisa realizada em 2019 que, dentre outras questões, buscava conhecer como abordavam as relações étnico-raciais dentro das salas de aula.

A análise teve por objetivo identificar nessas narrativas, como elas contribuem para a construção da identidade, autoestima, autoimagem positiva e valorização das crianças negras. Ao mesmo tempo, partiu-se do princípio de que a lei 10639/2003 seja trabalhada nas escolas, orientando que a História e Cultura Afro-Brasileira seja abordada, preferencialmente, nas áreas de História, Educação Artística e Literatura brasileiras.

O primeiro elemento a ser considerado foi a permanência de obras publicadas há muitas décadas, uma delas há quase 85 anos, como referência na abordagem da diversidade étnico-racial nas instituições pesquisadas. Esse fato é importante, pois quando a literatura infantil chega ao Brasil, o negro não era nem mesmo representado, e quando aparecia era em contextos depreciativos, estigmatizados ou desvalorizados e, nesse sentido, é apontado que quanto mais antiga a obra literária, maiores são as chances de conter estigmas sobre o corpo do negro.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que, mesmo com um expressivo aumento de autoras e autores negras(os) e com o movimento de Editoras comprometidas com a publicação de obras que contemplam a temática, após a promulgação da Lei 10.639/2003, tais como Mazza Edições e Editora Malê, prevalece a utilização de obras produzidas por autoras/es e ilustradoras(es) brancas(os), pois somente o ilustrador da obra “Chico Juba” é negro. Esse destaque é importante, pois levando em consideração que existem autores e ilustradores negros que também escrevem e ilustram literaturas infantis, é preciso repensar os lugares dessas literaturas analisadas, pois esses autores que as escrevem podem, muitas vezes, não trabalhar a temática racial de forma que contribua para a construção da identidade de crianças negras, tal como o livro Peppa.

Outro fator importante é considerar necessário que o professor tenha um repertório abrangente para lidar com as questões raciais, pois o livro “Era uma vez, um gato xadrez”, foi publicada com a finalidade de abordar as cores e não a diversidade étnico-racial, o que demanda

uma medição rigorosa da/do professora/or para tratar a temática.

Com exceção das obras que tiveram suas primeiras publicações ainda no século passado a obra “Era uma vez, um gato xadrez” e “Peppa”, evidencia-se o protagonismo dos personagens negros. Nos livros, “O cabelo de Lelê”, “Chico Juba” e “Menina bonita laço de fita”, pode-se observar uma valorização dos personagens, quanto às características que incidem sobre a população negra. Além disso, esses três personagens também possuem comportamentos que auxiliam a construção de identidades de crianças negras, pois os comportamentos deles são apresentados de uma forma positiva. O que contribui significativamente para a autoimagem positiva de si.

No entanto, o livro “Peppa”, possui características que não contribuem para a valorização das crianças negras, pois a personagem tem seu cabelo crespo depreciado, o que pode gerar nas crianças um sentimento de desvalorização. As obras “A Bonequinha Preta” e “Menina bonita do laço de fita” também possuem pontos que não contribuem para a valorização, autoestima, autoimagem positiva nas crianças negras.

Foi possível observar que os/as professores/professoras buscam abordar a temática da diversidade conforme a orientação da Lei 10.639/2003, uma vez que o protagonismo dos personagens negros está presente nas maiorias das obras analisadas. Entretanto, se faz relevante destacar que apenas o protagonismo não é suficiente, caso as narrativas associadas as/aos personagens negras/os reiterem estereótipos relacionados às suas características físicas ou apresentem seus comportamentos de forma ambígua. Nesse sentido, os discursos dos livros analisados oscilavam entre destacar a beleza das características físicas e a capacidade inventiva das/dos personagens, ao mesmo tempo em que apresentavam seus cabelos como difíceis de lidar, comparavam sua pele a cor de carvão ou as/os apresentavam como sujeitos desobedientes.

Ainda assim, é importante chamar a atenção para o fato de que temos, nesse conjunto de livros, um menino negro como protagonista, diferente das outras obras em que predominam personagens femininas e o fato de que o cabelo crespo aparece como elemento central de algumas narrativas, o que aponta para o interesse das/dos autoras/ores em explorar uma característica fenotípica que, muitas vezes, é hostilizada na população negra.

Por isso, faz-se necessário ter um olhar mais atento a essas questões, principalmente na Educação Infantil, para que não se perpetuem discursos que não valorizem a estética e a identidade racial dessas crianças. Ademais, a recorrência dos títulos que estão sendo analisados demonstra a necessidade de uma ampliação no mapeamento de recursos pedagógicos que contribuam para o trabalho das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil, que pode ser viabilizado por meio de diálogos com outras instituições, como coletivos que abordam raça e

educação e Institutos de Ensino Superior

Conclui-se então que é importante mencionar que essa é uma das várias possíveis análises para essas obras, e mencionar que já existem outros olhares sobre as mesmas literaturas, podendo trazer outra perspectiva de análise para os mesmos livros analisados.

LIVROS ANALISADOS

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: IBEP, 2012.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

OLIVEIRA, Aláide Lisboa de. **A bonequinha preta**. Belo Horizonte: Editora LÊ, 2004.

GAIVOTA, Gustavo. **Chico Juba**. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019.

RANDO, Silvana. **Peppa**. São Paulo: BrinqueBook, 2009.

VILLELA, Bia. **Era uma vez um gato xadrez**. 2ª Ed. São Paulo: Escala Educacional, 2006. Disponível em: https://www.ipirangadonorte.mt.gov.br/fotos_escola/3091.pdf

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcio Mucedula; PIOTTO, Debora Cristina; CORREA, Bianca Cristina. Relações étnico-raciais e formação docente: situações de discriminação racial na educação infantil. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 373-388, 2015.

ARAÚJO, Débora Cristina de. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil1. *Educar em Revista*, v. 34, p. 61-76, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/BxCZKXwnP7YjztvMNj5CdGM/?format=html&lang=pt> Acesso em: 30 ago. 2021.

ARAÚJO, Débora O. Caminhos trilhados pelas personagens negras na Literatura infantil brasileira: percalços e percursos. *TOM UFPR*, v. 3, p. 20-42, 2017. Disponível em: https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom6. Acesso em: 24 set. 2020.

BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em 22 abr. 2020.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil** /Secretaria de Educação Básica. –Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf.

Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 21- 37. Disponível em:

<http://etnicoracial.mec.gov.br/publicacoes/item/9-educacao-anti-racista-caminhosabertos-pel-lei-federal-n-10-63903>. Acesso em: 28 ago. 2021

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996 (2017).

Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2edpdf

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **cadernos pagu**, n. 6/7, p. 35-50, 1996.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

CUTI. Literatura Negro-Brasileira. (**Coleção consciência em debate**). São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVA, Tarcia Regina da; SANTOS, Ernani Martins dos. Ser menino negro: uma análise em livros de literatura infantil. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 30, n. 62, p. 46-61, 2021.

DOS SANTOS VIANNA, Michelle. Era uma vez a questão racial: os livros de literatura no processo de construção de identidades. *Revista Caderno de estudos Pesquisas Educação Básica*, Recife, v. 4, n. 1, p. 252 - 266, 2018. C A P U F P E .

DE LIMA JUNIOR, Agnaldo Mesquita; TAUCHEN, Gionara. O cabelo de lelê: reflexões sobre educação, cultura e identidade. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 26, n. 2, p. 129-145, 2017.

.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GONÇALVES, Thaís; MOURA, Paula Nascimento da Silva. Literatura Infantil e Identidade: Análise da obra " O cabelo de Lelê. **Revista Científica da FHO| UNIARARAS, Araras-SP**, v. 4, n. 1, p. 1-9, 2016.

GOMES, Nilma L.. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun., 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 18 ago. 2021.

_____. Educação e identidade negra. *ALETRIA*, 2002, p. 38-47.

Disponível em: <https://www.formacaocaleidos.com.br/files/Educacao-e-IdentidadeNegra.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

GOUVÊA, Maria Cristina S. de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 79-91, jan./abr. 2005.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/hZmCNP5MtfGB3CDvRbM8nFF/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 17 jun. 2021.

LIMA, Heloísa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil.

In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC/SECAD, 2005, p. 101-116

OLIVEIRA, Kiusam. Corporeidade, Beleza e Diversidade. São Paulo, 27 de outubro

de 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12552725-Corporeidade-beleza-ediversidade-profa-dra-kiusam-regina-de-oliveira-sao-paulo-27-de-outubro-de2014.html>.

Acesso em: 30 ago. 2021.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. A tessitura dos personagens negros na Literatura

Infantojuvenil Brasileira. **Literafro, o portal da literatura afro-brasileira**, v. 30, 2018.

OSORIO, Rafael G. A classificação e cor ou raça do IBGE revisitada. PETRUCCELLI, José L.; SABOIA, Ana L. (orgs.). Características da população. (Estudos e Análises. Informação Demográfica e Socioeconômica número2). Classificações e identidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 2013, p. 84 – 99.

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>. Acesso em 28 ago. 2021.

RICHE, Maria R. A literatura infantil e juvenil contemporânea e o poder das mídias sociais. Caderno Seminal Digital, nº 34, v. 34, jan./jun., 2020, p. 175-199. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/48014>. Acesso em

02 ago. 2021.

SANTOS, Sales A. dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento

Negro. BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

SILVA, Nelson Fernando Inocêncio da. Africanidade e religiosidade: uma possibilidade de

abordagem sobre as sagradas matrizes africanas na escola. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal**, n. 10.639/03, p. 121-130, 2005.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário português-latino**. 1939. **Editorial- Domingos Barreira - PORTO**